

Relato de uma Viagem sem Dinheiro pelo Brasil, Bolívia e Peru em 2015/2016

Amanda Alves Borges^aLorraine Gomes da Silva^bChristianne Viana Ferreira Paiva Gonzaga^cRafael Lino Rosa^d

Resumo

O objetivo deste artigo é relatar uma viagem feita sem dinheiro pelo Brasil, Bolívia e Peru em setenta dias (dezembro de 2015 a fevereiro de 2016). Um caminho espiritual e de aventuras, totalizando 5.500 quilômetros. A escolha do tema parte da necessidade pessoal da estudante em provar ser possível viajar sem recursos financeiros próprios, enfatizando as relações humanas. A problemática é o questionamento da centralidade do turismo como uma atividade econômica, algo que minimiza suas outras perspectivas. A metodologia usada foi bibliográfica de caráter qualitativo, além do trabalho de campo. O texto foi estruturado da seguinte maneira: os fundamentos teóricos que abordam o turismo além do viés econômico; o relato, detalhando a inspiração, preparação, trajeto e experiências; e os resultados que são as contribuições da viagem para a formação profissional. Após 45 caronas e 33 abrigos, confirma-se a natureza sociocultural do turismo e da hospitalidade humana. Conclui-se ser possível um turismo de compartilhamento, sem pagamento obrigatório. As principais referências foram Cunha (2010), Campbell (2015), Trigo (2013), entre outros.

Palavras-chave: Turismo; Hospitalidade; Viagem sem dinheiro; Aventura; Caminho espiritual.

Abstract

Report of a moneyless trip across Brazil, Bolivia and Peru 2015/2016

The objective of this article is to report a moneyless trip made across Brazil, Bolivia and Peru in 70 days (December 2015 to February 2016). A spiritual and adventure path, totalizing 5,500 km. The theme choice is based on a personal need to prove that it is possible to travel without financial resources, emphasizing the human relationships. The problematic is questioning the centrality of tourism as an economic activity, something that minimizes its other perspectives. The methodology used is qualitative and bibliographical, besides the field work. The text was structured as follows: theoretical foundations that approach tourism beyond the economic bias; report, detailing the inspiration, preparation, path and experiences; and the results that are the contributions of the trip as a professional formation. After 45 hitchhikings and 33 shelters, the sociocultural nature of tourism and human hospitality were confirmed. It is concluded

- a. Formada no curso superior de Tecnologia em Gestão de Turismo pela Universidade Estadual de Goiás, Goiás, Goiás, Brasil. E-mail: amanda.alves.borges30@gmail.com
- b. Possui pós-doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil. Professora de licenciatura em Geografia e Mestrado da Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: lorrannegomes@gmail.com
- c. Formada em Administração pela Universidade Salgado de Oliveira (Universo), Goiânia, Goiás, Brasil. Professora do curso de Turismo e Patrimônio e Administração da Universidade Estadual de Goiás, Sanclerlândia, Goiás, Brasil. E-mail: chrisgonzaga@hotmail.com
- d. Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: barao.lino@hotmail.com

that sharing tourism is possible, without compulsory payment. The main references used were Cunha (2010), Campbell (2015), Trigo (2013), and others.

Keywords: Tourism; Hospitality; Moneyless trip; Adventure; Spiritual path.

Resumen

Relato de un viaje sin dinero por Brasil, Bolivia y Perú en 2015/2016

Esta investigación tuvo como objetivo relatar un viaje sin dinero por Brasil, Bolivia y Perú durante 70 días (de diciembre/2015 a febrero/2016). Un camino espiritual y de aventuras que totalizó 5.500 km. La elección del tema parte de la necesidad personal de la estudiante en probar ser posible viajar sin recursos financieros, enfatizando las interrelaciones humanas. La problemática es el cuestionamiento de la centralidad del turismo como una actividad económica, que minimiza otras perspectivas. La metodología utilizada fue la bibliográfica de carácter cualitativo, además del trabajo de campo. El texto se estructuró de la siguiente manera: la fundamentación teórica que aborda el turismo más allá de su concepto económico; el relato detallando la inspiración, preparación, trayectoria y experiencias; y los resultados que fueron las contribuciones del viaje a la formación profesional. Después de 45 viajes a dedo y 33 refugios, se confirma la naturaleza sociocultural del turismo y de la hospitalidad. Se concluye que es posible un turismo de compartir, sin la obligatoriedad de pagar. Los principales autores utilizados fueron Cunha (2010), Campbell (2015), Trigo (2013), entre otros.

Palabras clave: Turismo; Hospitalidad; Viaje sin dinero; Aventura; Camino espiritual.

INTRODUÇÃO

Um sistema materialista sustentado por discursos competitivos e valores gananciosos cria uma sociedade fatigada, marcada por uma constante ânsia de viajar. Muitas pessoas buscam na viagem uma tentativa de descanso ou de preenchimento, rodando o mundo na expectativa de encontrar paz em outro lugar. A isso se soma a avidez de uma parcela da área turística exclusivamente pelo enriquecimento monetário. A consequência dessa situação é um turismo trabalhado de forma interesseira, calculista e forjadora de culturas. Os produtos turísticos tornam-se frutos de desejos pré-fabricados associados às paisagens, enquanto os turistas são vistos como cífrões ambulantes.

Vendem-se viagens e experiências ditas promissoras, escravizando uma sociedade já em dívidas, que sempre arranja novos créditos para passeios. Entre tantas relações líquidas e o uso excessivo das redes sociais, uma viagem é como um *souvenir*: mais um para a coleção de fotos. Em contrapartida, muitas pessoas têm questionado os velhos valores materialistas.

Este artigo pretende estimular os simpatizantes do turismo a repensar valores respectivos a esse fenômeno. Visa levar os leitores a refletir e a metaforicamente viajar, ao acompanhar de perto esse caminho ao desconhecido. As principais referências utilizadas foram Cunha (2010), Campbell (2015), Trigo (2013), entre outros.

O objetivo da pesquisa foi relatar a viagem de setenta dias realizada por uma das autoras deste artigo (de dezembro de 2015 a fevereiro de 2016), pelo Brasil, Bolívia e Peru, totalizando um percurso de 5.500 quilômetros de aprendizados e aventuras. Essa viagem foi feita sem nenhum recurso financeiro próprio, exatamente para que ocorresse uma intensa imersão cultural e se enfatizasse a

importância das relações humanas no turismo. A metodologia utilizada foi bibliográfica de caráter qualitativo, além do trabalho de campo.

A problemática encontrada é o questionamento da centralidade do turismo como atividade econômica, algo que minimiza suas outras perspectivas. As seguintes perguntas foram realizadas: quais são as bases teóricas que apoiam o turismo além da perspectiva econômica? Qual foi a necessidade pessoal de realizar a viagem? Quais foram as contribuições da viagem para a formação profissional como turismólogo?

O trabalho possui a seguinte estrutura: após apresentar os fundamentos teóricos do turismo detalha-se o relato da viagem, narrando a inspiração, o planejamento, o trajeto e as experiências para que, por fim, apontem-se os resultados da pesquisa: as contribuições para a formação profissional como turismólogo.

TURISMO ALÉM DA PERSPECTIVA ECONÔMICA

Moesch (2002) afirma que a raiz *tour* aparece documentada em 1760 e sua etimologia indica a procedência latina *tornus* (torno) e *tornare* (redondear, tornear, girar). Segundo ela, o primeiro registro da palavra turismo ocorre em 1800 no *Pequeno dicionário de inglês Oxford*, como a teoria e a prática de viajar, deslocar-se por prazer. Para Cunha (2010, p. 19) o turismo é “o conjunto das atividades lícitas desenvolvidas por visitantes em razão das suas deslocamentos, as atrações e os meios que as originam, as facilidades criadas para satisfazer as suas necessidades”.

Conforme Tosqui (2007, p. 39), “é difícil estabelecer o início da atividade turística em si, já que, desde a Antiguidade, há relatos de viagens e deslocamentos humanos”. Segundo Rieger (2014), os seres humanos viajam desde que surgiram na Terra, começando na África e abrangendo o globo. Para o autor, a viagem é, inicialmente, algo central para a fé, mas se torna, posteriormente, um negócio. Ele relata que as escrituras cristãs são repletas de viagens: do Êxodo, do Exílio, de um salvador e apóstolo itinerantes. Sem falar das peregrinações do Islã e das viagens do Egito, da Grécia Antiga, da América Latina e de tantos outros locais.

Trigo (2013) diz que a primeira descrição de uma viagem de formação foi relatada nos mitos babilônicos de Gilgamesh de 1900 a.C. Ele também cita mitos antigos e modernos, como as odisséias de Ulisses, Hércules e Orfeu. De acordo com o autor, essas viagens épicas povoam o imaginário das civilizações desde os primórdios da história:

Os que se propuseram a viajar em busca de outros destinos eram valentes e ousados: Abraão, Moisés, Marco Polo, Fernão de Magalhães, James Cook, Cristóvão Colombo, Alexander von Humboldt, Richard Francis Burton, Ernest Shackleton, Neil Armstrong e todos os que tocam a nossa imaginação e incendeiam nossos desejos com seus relatos de viagem. História e mitos, lembranças vividas ou imaginadas, formam o patrimônio memorial das viagens da humanidade. (Trigo, 2013, p. 34)

Segundo Cisne e Gastal (2010), pode-se encontrar nas narrativas que buscam resgatar a história do turismo alguns fatores considerados padrões e marcos históricos no desenvolvimento do fenômeno. As autoras destacam três deles: o

grand tour (viagens feitas pelo continente europeu por jovens da nobreza e da classe média abastada para completar sua educação e ganhar experiência); as peregrinações durante a Idade Média (diferente das viagens a lazer, os peregrinos não escolhiam o caminho e estavam preparados para as dificuldades); e a figura de Thomas Cook (apontado por alguns como o “pai do turismo” e o fundador das agências de viagem).

Tosqui (2007, p. 40) explica que “apenas na segunda metade do século XX o turismo surgiu como fenômeno de massa. O conceito de turismo como entendemos atualmente surgiu com a modernidade, após a Revolução Industrial”. A autora afirma que, no início, os deslocamentos tinham como motivação a aventura e o objetivo principal do turismo era educativo. Durante a Segunda Guerra Mundial houve uma paralisação do setor, mas após esse período o grande progresso econômico e social impulsionou o turismo. A rotina do trabalho mecanizado gerou uma sociedade pós-guerra com relações humanas empobrecidas e, com isso, o turismo passou a ser uma válvula de escape.

Com o recrudescimento do turismo, surge uma necessidade de organização. Pakman (2014) afirma que a Organização Mundial do Turismo (OMT) foi fundada em 1970, mas seu embrião provém de um evento de 1925, cujo objetivo era tratar dos desafios do crescente desenvolvimento do turismo. Ele discorre sobre as definições da OMT e sua contribuição à história do pensamento turístico. Segundo a definição da OMT de 2008: “o turismo é um fenômeno social, cultural e econômico, que envolve o movimento de pessoas para lugares fora do seu local de residência habitual, geralmente por prazer” (Pakman, 2014, p. 18). Em outro posicionamento, o turismo é definido como fenômeno social:

O turismo é um fenômeno social, que consiste no deslocamento voluntário e temporal de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas interrelações de importância social, econômica e cultural. (Moesch, 2002, p. 12)

Nesse ínterim surgem estudiosos do turismo. Por exemplo, Beni (2001) sistematiza o turismo e cria um modelo referencial: o Sistema de Turismo (Sistur). O autor acredita que o turismo causa indiretamente elevadas repercussões econômicas nas demais atividades produtivas por meio do efeito multiplicador. No entanto, considera-o como uma atividade multidisciplinar, estruturado nas relações ecológicas, sociais, econômicas e culturais.

Cunha (2010) reconhece que é necessário fazer um aprofundamento do turismo, pois as organizações governamentais prezam por conceitos unicamente econômicos, e estes não possuem credibilidade científica, por serem essencialmente excludentes. O autor defende que as definições em voga não abarcam a totalidade do turismo: “. . . pelas ambiguidades de que padecem no sentido da sua compreensão como fenômeno humano com incidências, simultaneamente, econômicas, sociais, culturais, psicológicas, geográficas, ambientais e políticas” (Cunha, 2010, p. 19).

Através dos diversos relatos comprova-se, notoriamente, que viajar é uma prática remota com vastas finalidades. Com o advento do capitalismo e a

globalização, o turismo passou por grandes transformações, chegando a um período de expansão massiva. Potencializado como mercadoria e mal gerenciado, despreocupa-se de questões como a sustentabilidade, e também se desprende de seu caráter de fé, aventura e educação.

Apesar de estudiosos defenderem teoricamente o turismo como um fenômeno social, na prática o turismo é posicionado principalmente como uma atividade econômica, algo que minimiza suas outras perspectivas, e também subestima a essência sociocultural do turismo.

Nesse sentido, Trigo (2013) nos traz reflexões sobre o quanto viajar pode ser profundo. Para ele, a viagem é mais que geográfica, significa mais que a trajetória para um lugar: é um caminho para o indivíduo conhecer a si mesmo e se transformar em algo diferente. Uma experiência única e individual, uma aposta, um investimento. O autor complementa:

Não há caminhos melhores ou mais fáceis, eles são diferentes e só valem se experimentados intensa e livremente. Liberdade, escolha, vontade e coragem são as vertentes básicas da viagem bem realizada na busca das luzes do autoconhecimento. (Trigo, 2013, p. 31)

Ainda de acordo com Trigo (2013), um viajante é um mercador de luz e viajar é uma tentativa de iluminar suas trevas. Baseado na ideia de que matéria é luz congelada, por ser uma fusão nuclear das estrelas, os seres vivos seriam também luz congelada. O ser humano luta pela luz, desejando-a. Ao viajar para ver o mundo e suas belezas, transporta conhecimentos de sua terra e volta com outros. Tendo caminhado e experimentado coisas novas, enriquece sua existência e troca luzes.

No tópico a seguir, relata-se uma viagem cuja proposta foi vivenciar o turismo para além da perspectiva econômica, explicando esse fenômeno social em sua totalidade, assim como as antigas viagens épicas dos primórdios da humanidade, em que se pretendia viver uma aventura e ousar no desconhecido. Como no *grand tour*, o percurso complementaria a educação e a experiência intrapessoal da viajante. Como nas peregrinações, ela estaria preparada para as dificuldades e aventuras. Seria uma viagem espiritual, rumo a um caminho de estudo, liberdade, fé e autoconhecimento.

RELATO DA VIAGEM: BOLÍVIA/PERU/BRASIL

A viagem a ser relatada foi realizada por Amanda Borges, estudante do curso superior de Tecnologia em Gestão de Turismo, no campus Cora Coralina da Universidade Estadual de Goiás, cidade de Goiás. Antes de iniciar o curso, ela já era uma amante de viagens. O turismo a escolheu desde a infância, seus pais sempre a levaram para viajar pelo Brasil e ela já havia tido a oportunidade de realizar um intercâmbio universitário. Atualmente já viajou para 15 das 27 unidades federativas do Brasil, e conheceu 32 países entre Europa, Américas, África e Ásia.

Em outubro de 2015, seu irmão tinha algumas milhas acumuladas e a presenteou com uma passagem aérea para Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, mas apenas de ida. Cursando o segundo semestre, escreveu um pré-projeto intitulado “O

despertar da essência primordial do Turismo e o renegar do conceito econômico como único”. Um professor leu e a orientou para analisar o *vivir bien/buen vivir*¹ durante o caminho.

Para colocar em prática o projeto, pensou em realizar o trajeto de um modo diferente de suas antigas viagens. Inicialmente, a necessidade pessoal era provar ser possível viajar sem dinheiro próprio. Fala-se em “próprio” para ficar clara a diferença, pois de certo modo, ela estaria utilizando indiretamente dinheiro de quem a ajudasse.

Dentro do avião, a estudante imaginava o que estava por vir. Sentia-se feliz, mas também uma mescla de ansiedade e incerteza. Contudo, o sentimento de que aquele projeto carregava um propósito era maior, bastando ter convicção, fé e calma que tudo daria certo.

Durante o trajeto não era utilizado documento de identificação da faculdade, pois julgava desnecessário, mas sempre que possível ela falava sobre o projeto. Esclarecia que sua intenção não era se aproveitar da bondade alheia, pois as ajudas deveriam ser espontâneas. Explicava que era uma mochileira pesquisadora e não se considerava como os “malucos de estrada”. Mas de forma alguma intencionava criticar a forma de cada um viajar, nem mesmo desejava impor e estimular modelos de viagens sem dinheiro. Era uma escolha: havia quebrado seu cartão do banco e não tinha dinheiro vivo. Para essa decisão, houve algumas inspirações.

INSPIRAÇÃO

Aline Campbell, escritora do livro *Portas abertas: três meses na Europa sem nenhum centavo no bolso*, foi a principal inspiração da estudante. Campbell (2015) viajou sem dinheiro de junho a setembro de 2013 por catorze países da Europa. A escritora explica: “Quero mostrar a imensidão do mundo que fica escondida por trás desse consumismo desenfreado. A ideia é inspirar outras pessoas a repensar valores pessoais e a perder essa dependência desnecessária de coisas materiais” (Campbell, 2015, p. 16).

Mais uma vez, deixei claro que não estou tentando provar que é possível viver sem dinheiro, e sim que me coloquei em tal situação pra evidenciar o poder das relações interpessoais e tudo que é possível alcançar desde que você esteja aberto ao mundo, não tema o desconhecido e confie nas pessoas. Mesmo acreditando que seja muito possível construir uma sociedade livre de dinheiro, eu não considero o dinheiro um problema – e sim o uso que a maioria faz dele. (Campbell, 2015, p. 140)

Outra inspiração foi Heidemarie, a protagonista do documentário *Living without money* (Vivendo sem dinheiro). Ela vendeu seus bens e distribuiu seu dinheiro. Segundo Campbell (2015), a alemã Heidemarie Schwermer tem mais de 70 anos e vive há 17 sem dinheiro. Acredita que há muito a se aprender para

1. O termo *vivir bien/buen vivir* deriva da palavra aymara ‘*sumak kawsay*’. Resumidamente, é viver em harmonia com a natureza, algo que retoma os princípios ancestrais das culturas (Schavelzon, 2015).

viver, assim como: treinar o desapego, compartilhar, e dar sem esperar em troca. Segundo a alemã:

O dinheiro desvia nossa atenção do que é importante, das coisas mais puras e do que de fato tem valor. . . . O que nos traz felicidade de espírito, confiança e vontade de viver são aqueles que passam por nossas vidas. São as pessoas que conhecemos que fazem toda a diferença, seja pra tornar uma viagem inesquecível ou nos dar forças pra seguir em frente. (Campbell, 2015, p. 16)

Após estar motivada por mulheres autênticas e corajosas, iniciou a preparação, entrando em um processo de desapego e de compartilhamento.

Preparação

Desde outubro de 2015 (quando a passagem foi presenteada) até 16 de dezembro de 2015 (data do voo) houve um período de preparação ainda na cidade de Goiás. Foram dois meses adaptando-se a viver com menos dinheiro.

Um grupo de cinco amigos, viajando de Kombi, ficou um tempo na cidade de Goiás. O grupo, chamado Raiz, ensinava sobre o reaproveitamento dos alimentos e a reciclagem de materiais. Nos finais das feiras (as chamadas xepas) e no final do expediente dos restaurantes *a la carte*, a estudante ganhava comida. Com exceção dos gastos de comida e saúde, ela percebeu que todos os outros poderiam ser cortados. O aluguel, a água e a energia eram as únicas despesas fixas, e durante a viagem, estas despesas poderiam ser cortadas.

Como forma de praticar o desapego material, em sua casa fez o “Brechó do desapego”, no qual separou roupas, sapatos, livros, entre outros utensílios. Com a porta de casa sempre aberta, as pessoas poderiam entrar e levar o que quisessem. Nada tinha preços estipulados, a contribuição era espontânea e voluntária.

Duas semanas antes da viagem, a estudante saiu do aluguel, guardando tudo na casa de uma amiga. Um casal de amigos a hospedou até acabar o semestre, quando ela foi para sua cidade natal, Anápolis, despedindo-se de todos. Escolheu não falar nada para sua família sobre o modo como planejava viajar, para evitar preocupações.

Levou apenas o mochilão e uma bolsa, com pouca roupa e um chinelo (além do tênis no pé). O que mais ocupava espaço era o material para gravações: uma Canon 600D e uma GoPro hero 3. Não levou celular *smartphone*. O único meio de comunicação era um *netbook*, emprestado por sua irmã. No dia 16 de dezembro, a mãe da discente e um amigo a levaram ao aeroporto, em Goiânia. Ao entrar para a sala de embarque, sua mãe chorou de emoção. O grande dia havia chegado. Sozinha, aos 22 anos, iniciava-se um trajeto de aventura.

Trajeto (Planejado ✕ Realizado)

Tendo só a passagem de ida, o percurso era incerto, mas imaginava como seria até retornar para casa novamente. A única data concreta era a de ida e a simulação do dia final foi feita pensando no início das aulas do primeiro semestre de 2016. A rota possuía destinos e datas hipotéticas, como é possível ver no Quadro 1.

Quadro 1 – Trajeto planejado

ROTA HIPOTÉTICA – VIAGEM BOLÍVIA/PERU/BRASIL					
Local partida	Data partida	Horário partida	Local chegada	Data chegada	Horário chegada
Goiânia	16/dez	19:58	Santa Cruz	17/dez	12:10
Santa Cruz	19/dez		Cochabamba	19/dez	
Cochabamba	19/dez		Sucre	19/dez	
Sucre	20/dez		Uyuni	20/dez	
Salar – 21-22-23-Dez					
Uyuni	23/dez		La Paz	24/dez	
La Paz	26/dez		Copacabana	26/dez	
Copacabana	02/jan		Cusco	02/jan	
Cusco	07/jan		Machu Picchu	07/jan	
Machu Picchu	09/jan		Cobija	09/jan	
Cobija	10/jan		Rio Branco	10/jan	
Rio Branco	20/jan		Reserva indígena	20/jan	
Reserva indígena	09/fev		Rumo à Goiás	27/fev	

Fonte – Elaborado pelo autor, 2015

Entre o trajeto planejado e o realizado, houve diferenças. Uma delas foi ter desfeito o compromisso de ir em Sucre e em *Salar de Uyuni* (Bolívia), onde estavam dois colegas de intercâmbio. Ao iniciar a viagem, os planos foram abandonados, pois percebeu que o melhor estaria no caminho percorrido espontaneamente. Os espaços turísticos seriam uma consequência: as experiências transformariam a caminhada em algo especial. Veja na Figura 1 o trajeto realizado: as principais cidades visitadas.

O caminho foi sendo moldado por intuição e por pessoas que indicavam ou convidavam para algum local. No total foram percorridos 5.500 quilômetros, que proporcionaram múltiplas experiências vivenciando a cultura de Bolívia, Peru e Brasil.

Experiências: o encontro com o outro

A hospitalidade das pessoas na locomoção, abrigo e alimentação foi fundamental para a concretização desse percurso. Apesar das diversidades culturais, nos três países houve uma ótima receptividade, o que tornou as experiências únicas. Dalpiaz, Dagostini, Giacomini e Giustina (2010) discutem sobre “o bem receber” e a natureza da hospitalidade humana, considerando-a como um fenômeno sociocultural. Os autores explicam que a hospitalidade pode ser profissional, sendo preparada e treinada, mas em sua essência é o ato de acolher um visitante. Meneses (2012, p. 149) explicita:

Figura 1 – Trajeto realizado



Fonte – Elaborado pelo autor em Google Maps, 2016

Segundo a perspectiva de Derrida, há hospitalidade quando eu acolho mais do que aquilo que posso acolher, quando acolho para além da minha capacidade. A hospitalidade incondicional não é senão exposição à chegada daquele que vem, do que acolhe. Faz o impossível A hospitalidade absoluta exige que me abra ao meu próprio existir – chez moi (minha casa) e que me ofereça não somente ao estrangeiro, como também ao Outro Absoluto, desconhecido, anónimo, e que lhe dê lugar, que o deixe vir, que o deixe chegar e ter um lugar no lugar, que lhe ofereça, sem lhe pedir reciprocidade, nem mesmo através do seu nome.

Quanto ao abrigo, a maioria ocorreu na casa dos moradores locais de diferentes classes sociais, desde casarões a periferias. As pessoas abriam suas casas ao desconhecido, faziam o possível e o impossível. Com exceção da primeira cidade,

onde conseguiu abrigo de uma conhecida de um amigo, a estudante chegava no local, esperava e logo aparecia a pessoa certa para hospedá-la. Intencionalmente ela não levou barraca, apenas uma coberta.

Através da plataforma CouchSurfing, quatro pessoas disponibilizaram hospedagem gratuita. Segundo Cruz (2015), o CouchSurfing é uma rede de hospitalidade colaborativa, uma organização sem fins lucrativos, que possui um site no qual seus membros buscam trocas socioculturais em suas viagens, mas também oferecem hospitalidade (e, se possível hospedagem). A plataforma objetiva conectar globalmente pessoas, criar intercâmbios educacionais, aumentar a consciência coletiva e disseminar a tolerância. O CouchSurfing fortalece o conceito de cidadania e sociedade civil global.

Apenas no início da viagem, em troca de hospedagem, ela se voluntariou na limpeza de um *hostel* e fotografando em um estúdio de tatuagem. Porém, apesar de não haver pagamento em dinheiro, continuava sendo uma troca obrigatória, cuja moeda de câmbio era o trabalho. Também houve hospedagem em hotéis, pagos por pessoas que davam carona e que faziam questão que fosse aceito, por já ser tarde da noite ao chegar à cidade. Em ambas situações, a relação com o dono do estabelecimento era superficial, não se enquadrando nas intenções do projeto, o que levou essas situações a serem evitadas. Os pousos variaram entre camas, redes, barracas e papelão. Ficou apenas uma noite na rua, sem abrigo, e algumas outras em postos de combustível. Segue, no Quadro 2, melhores detalhes dos abrigos, no total foram 33.

Quadro 2 – Tipos de abrigo

TIPOS DE ABRIGO – VIAGEM BOLÍVIA/PERU/BRASIL		
	CIDADE	ABRIGO
1	Santa Cruz de La Sierra (Bolívia)	Casa – Morador local
2	Samaipata (Bolívia)	Hostel – Voluntariado
3	Estrada – Pernoite no ônibus	
4	La Paz (Bolívia)	2 casas – Moradores locais
5	Copacabana (Bolívia)	2 albergues
6	Puno (Peru)	Casa – Morador local (Couchsurfing)
7	Cusco (Peru)	Casa – Morador local (Couchsurfing)
8	Pisac (Peru)	Casa – Morador local (Couchsurfing)
9	Santa Teresa (Peru)	Clube de águas termais
10	Machu Picchu/Águas Calientes (Peru)	Barraca em camping e 1 pernoite na rua
11	Ollantaytambo (Peru)	Casa – Morador local
12	Cusco (Peru)	Hostel e casa – Morador local
13	Estrada: 2 pernoites em caminhão	
14	Puerto Maldonado (Peru)	Casa – Morador local (Couchsurfing)
15	Iñapari/Assis Brasil (Fronteira Peru/Brasil)	Hotel

TIPOS DE ABRIGO - VIAGEM BOLÍVIA/PERU/BRASIL		
	CIDADE	ABRIGO
16	Rio Branco (Brasil)	4 casas – Moradores locais
17	Estrada: Pernoite em casa de morador local	
18	Plácido de Castro/ AC (Brasil)	Reserva Indígena
19	Estrada: Pernoite em casa de morador local	
20	Rio Branco/AC (Brasil)	Posto de combustível
21	Porto Velho/RO (Brasil)	Hotel e posto de combustível
22	Estrada: 1 Pernoite em caminhão	
23	Cuiabá/MT (Brasil)	Posto de combustível
24	Primavera do Leste/MT (Brasil)	Posto de combustível
25	Cidade de Goiás/GO (Brasil)	Casa – Morador local
TOTAL		33

Fonte – Elaborado pelo autor, 2017

A principal locomoção foi a carona, de todos os tipos: carro, ônibus, caminhão, moto, van, *motocar*, barco, balsa, trem e teleférico. A maioria foi feita com caminhões de diversas cargas (animais, petróleo, frutas, trigo, madeira). Uma das caronas, de um caminhão de gasolina, pesando 37 toneladas, levou 25 horas para percorrer 200 quilômetros. Na Bolívia e no Peru não existia a cultura de carona como no Brasil. Em contrapartida, os ônibus, cujos preços são muito baixos, estavam acostumados a dar carona.

A forma de mobilidade urbana era a caminhada. A caminhada mais longa foi atravessar a fronteira Bolívia/Peru, totalizando 9 quilômetros. Em Rio Branco, uma bicicleta presenteada passou a ser o meio de locomoção, mas apenas durante a estadia na cidade. Segue abaixo, no Quadro 3, mais detalhes sobre os meios de carona e as quantidades, totalizando 45 caronas na viagem.

Quadro 3 – Tipos de carona

TIPOS DE CARONA - VIAGEM BOLÍVIA/PERU/BRASIL				
	Cidade de partida	Cidade de chegada	Tipo de carona	Quantidade
1	Cidade de Goiás/GO (Brasil)	Anápolis/GO (Brasil)	Ônibus	1
2	Anápolis/GO (Brasil)	Goiânia/GO (Brasil)	Carro	1
3	Goiânia/GO (Brasil)	Santa Cruz de La Sierra (Bolívia)	Avião	1
4	Santa Cruz de La Sierra (Bolívia)	Samaipata (Bolívia)	Carro	1
5	Samaipata (Bolívia)	La Paz (Bolívia)	Carro e ônibus	1 carro e 3 ônibus
6	La Paz (Bolívia)	Copabana (Bolívia)	Carro	1

TIPOS DE CARONA - VIAGEM BOLÍVIA/PERU/BRASIL				
	Cidade de partida	Cidade de chegada	Tipo de carona	Quantidade
7	Copabana (Bolívia)	Kasani (Fronteira Bolívia/Peru)	A pé	9 km
8	Kasani (Fronteira Bolívia/Peru)	Puno (Peru)	Carro	2
9	Puno (Peru)	Cusco (Peru)	Ônibus	1
10	Cusco (Peru)	Pisac (Peru)	Ônibus	1
11	Pisac (Peru)	Santa Teresa (Peru)	Carro	6
12	Santa Teresa (Peru)	Machu Picchu/Águas Calientes (Peru)	A pé (trilha da hidrelétrica)	8 km
13	Machu Picchu/Águas Calientes (Peru)	Santa Teresa (Peru)	Trem	1
14	Santa Teresa (Peru)	Ollantaytambo (Peru)	Carro	1
15	Ollantaytambo (Peru)	Cusco (Peru)	Carro	1
16	Cusco (Peru)	Puerto Maldonado (Peru)	Ônibus e caminhão	1 ônibus e 1 caminhão
17	Puerto Maldonado (Peru)	Iñapari/Assi Brasil (Fronteira Peru/Brasil)	Carro	1
18	Iñapari/Assi Brasil (Fronteira Peru/Brasil)	Brasiléia/Cobija (Fronteira Brasil/Bolívia)	Carro	1
19	Brasiléia/Cobija (Fronteira Brasil/Bolívia)	Rio Branco (Brasil)	Caminhão	1
20	Rio Branco (Brasil)	Plácido de Castro/AC (Brasil)	Ônibus e carro	1 ônibus e 1 carro
21	Plácido de Castro/AC (Brasil)	Rio Branco/AC (Brasil)	Carro	2
22	Rio Branco/AC (Brasil)	Porto Velho/RO (Brasil)	Caminhão e carro	2 caminhões e 2 carros
23	Porto Velho/RO (Brasil)	Cuiabá e Várzea Grande/MT (Brasil)	Carro e caminhão	2 carros e 2 caminhões
24	Cuiabá e Várzea Grande/MT (Brasil)	Chapada dos Guimarães/MT (Brasil)	Moto e carro	1 moto e 1 carro
25	Chapada dos Guimarães/MT (Brasil)	Aragarças/GO (Brasil)	Carro	4
26	Aragarças/GO (Brasil)	Cidade de Goiás/GO (Brasil)	Caminhão	1
TOTAL DE CARONAS				45

Fonte – Elaborado pelo autor, 2017

Quanto à alimentação, o principal aprendizado foi satisfazer-se com pouco. A estudante sentiu fome algumas vezes, até adaptar seu corpo e educar sua mente. As pessoas que a recebiam em casa também ofereciam comida. Não

obteve sucesso com o reaproveitamento de alimentos na Bolívia e Peru, pois não era costume dos feirantes doar verduras e frutas. Ocasionalmente, pedia comida nos restaurantes, quase sempre recebendo uma resposta positiva. No mais, alimentou-se muito bem de variadas comidas e bebidas típicas (como as cervejas artesanais), as quais provavelmente não conheceria se estivesse por conta própria. E apesar de a estudante ser vegetariana, durante a viagem comeu algumas vezes carne.

Inúmeras pessoas pessimistas diziam ser um projeto impossível, enquanto outras apoiavam totalmente: ambos os casos serviram de fortalecimento. Alguns desacreditavam ser possível alguém viver sem dinheiro, como se este realmente fosse uma condição indispensável para a vida. Foucault (1981/2000) explica que o mercantilismo liberou a moeda do postulado do valor próprio do metal e ao mesmo tempo estabeleceu uma relação rigorosa de representação da moeda. Sendo assim, entender o processo histórico da troca, moeda, preço e valor, torna compreensível o porquê de uma sociedade materialista.

É importante notar que mesmo os serviços de transporte, alimentação e hospedagem sendo pagos voluntariamente por outras pessoas, a estudante fez uso indireto do dinheiro. Mas esse fato não minimizava nem contradizia seu propósito, pois inicialmente a necessidade pessoal da estudante era provar ser possível viajar sem dinheiro. Além disso, no decorrer da viagem percebeu que a questão não era o dinheiro em si, e que a ausência dele contribuiu para uma intensa imersão cultural, encontrando assim o principal foco da pesquisa: enfatizar a importância das relações humanas no turismo. E essas relações com pessoas que se abriram para apoiá-la proporcionaram múltiplas experiências.

Diversas foram as experiências nesse encontro com o outro. Na Bolívia, pode-se destacar que: conheceu uma mãe e seus filhos trigêmeos; dançou cantigas com crianças na praça; viu a bioconstrução de uma casa na árvore; visitou com novos amigos um zoológico de refúgio e a maior pedra talhada do mundo; passou o natal com uma família boliviana (Figura 2); comemorou o aniversário de 23 anos com artistas, fazendo um *tour* pelos grafites deles na cidade; festejou o *réveillon* e viu o nascer do sol no Lago do Titicaca.

Figura 2 - Natal com família boliviana



Fonte – Elaborado pelo autor, 2015

Já no Peru houve as seguintes experiências: almoçou no campo com uma família, brincando com as crianças entre as lhamas; conheceu uma Organização Não Governamental (ONG) (Cooperar Peru) e se inseriu na realidade da periferia; foi abrigada no Vale Sagrado por um casal indígena *quéchua* e conheceu sua escola construída sem dinheiro, que utiliza o método Waldorf e é especializada na valorização da cultura andina; recebeu um trabalho de cura musical em um observatório astronômico dentro de um parque arqueológico; escutou lendas peruanas em volta da fogueira; trilhou 8 quilômetros a pé, seguindo uma trilha de trem, até chegar em Machu Picchu e ganhou o ingresso da entrada.

Ainda no Peru, pode-se citar que ela: ajudou na implantação de uma horta; estudou sobre geometria sagrada e *Los Apus*²; aprendeu sobre o respeito pela *Pachamama*³; ficou em uma casa chamada *La Wasi* e compartilhou com os moradores seu único cômodo, dormindo todos no chão (Figura 3); mascarou muita folha de *Coca*⁴, ganhou um cacto *Wachuma*⁵ e tabaco negro; tomou a famosa bebida local *Chica* com moradores rurais; visitou pela madrugada um centro de teletransporte; casou-se simbolicamente com um peruano em um templo de pedra; ganhou um instrumento chamado *Zampoña* (flauta andina).

Figura 3 – Casa *La Wasi*



Fonte – Elaborado pelo autor, 2016

A fronteira do Peru/Brasil foi atravessada por Iñapari/Assis Brasil-Acre até chegar em Rio Branco. As experiências também foram múltiplas: dividiu um cômodo cheio de redes com viajantes ciclistas de cinco nacionalidades; raspou o

2. *Los Apus* são os espíritos que vivem nas montanhas (Sánchez, 2006).
3. “A *Pachamama*, na cultura andina, é considerada . . . a natureza que cria e recria os elementos da vida, e o ser humano é parte integrante dela, merecedora de proteção jurídica” (Tolentino & Oliveira, 2015, p. 1).
4. “A folha de coca, em seu estado natural, tem uso cultural/ancestral aparentemente inofensivo à saúde. Geralmente, é mascarada ou utilizada em forma de chá” (Barreto, 2013, p. 2).
5. “*Wachuma*, . . . un cactus sagrado de la región andina, más conocido como *San Pedro*, que incluye unas seis especies, entre las cuales la “clásica” es *Echinopsis pachanoi*” (Gracia, 2011, p. 6).

cabelo e tatuou uma cruz andina (*chakana*)⁶ na cabeça; espalhou flores pela cidade vestida de palhaça; fez malabarismo no sinal com artistas de rua; teve aulas gratuitas de forró.

Em Rio Branco, o pré-projeto foi apresentado para um grupo de audiovisual que contribuiu para a visita da estudante a uma reserva indígena, onde: foi batizada como *Buni Huni Kui Kaxinawá*; ganhou artesanatos e pintura corporal; aprendeu a fazer cocar; participou de uma festa popular, cheia de manifestações culturais; acostumou-se a comer no chão; nadou com crianças, tomou banho de barro e balançou no cipó; brincou de palhaço e proporcionou risadas às crianças indígenas; participou de um feitio de *Ayahuasca*⁷ de 5 dias (Figura 4), tomou *kambô*⁸ e *rapé*⁹; conheceu as doutrinas¹⁰ da *Ayahuasca*.

Figura 4 - Feitio de Ayahuasca: batendo o cipó



Fonte – Elaborado pelo autor, 2016

A viagem prosseguiu sem longas paradas. Nas breves pausas a estudante: presenciou a caça noturna de tatu na mata; ordenhou uma vaca e bebeu o leite ainda quente; ganhou um *tour* de moto. De Rio Branco até Goiás foram quinze caronas, dormindo nos postos de combustível, nos caminhões e imergindo totalmente na cultura dos caminhoneiros: viveu, cozinhou, comeu, vestiu-se como eles. Escutou

6. *Chakana*/Cruz andina, ou Inca, é uma “cruz que reflete os três mundos (*Hanaqpacha* – superior, *Kaypacha* – face da terra, *Ukhupacha* – inferior). Transmite a ideia de ponte entre os mundos”. (Shakti, 2014, p. 1)
7. Segundo Sêrpico e Camurça (2006) a *Ayahuasca* é um chá preparado a partir da cocção de duas espécies vegetais nativas da Amazônia: o cipó *Banisteriopsis caapi* Morton e as folhas do arbusto *Psychotria viridis*, contendo dimetiltriptamina (DMT). Shanon (2003) explica que a *Ayahuasca* tipicamente provoca poderosas visões, insights pessoais, reações afetivas, experiências espirituais e místicas profundas.
8. *Kambô* é uma “secreção da rã arbórea *Phyllomedusa bicolor*, tradicionalmente usada como revigorante e estimulante” (Lima & Labate, 2007, p. 71).
9. *Rapé* “é o pó obtido a partir da trituração de folhas secas de tabaco (*Nicotiana tabacum* L.). Contudo, a maioria dos grupos do Médio Purus mistura a ele outras plantas” (Santos & Soares, 2015, p. 17).
10. “No decorrer do século XX, constituíram-se no Brasil vários grupos religiosos sincréticos nos quais as tradições indígenas relativas à *Ayahuasca* se combinam com elementos culturais não-indígenas – cristãos ou outros. Dentre esses grupos, os mais importantes são a Igreja do Santo Daime, a União do Vegetal (abreviadamente, UdV) e a Barquinha” (Shanon, 2003, p. 1).

suas alegrias e sofrimentos. Experimentou o rebite. Aprendeu os apelidos das cidades e caminhões, de acordo com cada carga.

As experiências negativas foram poucas. Em todo percurso, houve quatro abordagens de homens com interesses, mas nada que se estendesse após a negação. O mais doloroso foi o preconceito e a rejeição das pessoas pela ausência de dinheiro e pelas vestimentas simples. O medo imposto pela sociedade quanto à violência foi enfrentado: não houve perigos, apenas riscos que serviram de aprendizado para obter cautela e ágil percepção.

Após setenta dias, a estudante chegou à cidade de Goiás no dia 24 de fevereiro de 2016, sem nenhum centavo no bolso, mas rica em experiências. Voltou como havia ido: sozinha, mas com diversas pessoas em seu coração. Emocionada: chorava, agradecia, orava e gritava de felicidade. Sua alma estava renovada, mas seu corpo estava cansado, necessitava descansar. Como recordações trazia desenhos, escritas e músicas – presentes de diversas pessoas no caminho (Figura 5).

Figura 5 – Presentes da viagem



Fonte – Elaborado pelo autor, 2016

A estudante foi diretamente para a universidade encontrar seus amigos e professores. Posteriormente, no encontro com a família, ela explicou tudo, e todos foram compreensivos. No mesmo ano, seu pai viajou sozinho para o Peru. E o peruano, com o qual a estudante se relacionou, foi para o Brasil reencontrá-la e ajudá-la a elaborar uma música para o vídeo da viagem. Além do documentário média-metragem (Borges, 2016), também foram produzidos relatos¹¹ e poesias. A Figura 6 é uma montagem de fotos de dias diferentes, mostrando detalhes dessa

11. Para ler os relatos com as fotos, acesse os álbuns da página facebook.com/despertamor.amando. Para visualizar os demais anexos (músicas, mapas, desenhos, recordações), acesse o link: <https://drive.google.com/drive/folders/122DTWLFxeZBQygqkUz6T-f57dQHYTGLr?usp=sharing>

vira repelente, passa no corpo e estará protegido de aproximação interesseira, gentileza intencional e amor condicional. Chega, mas se afasta quem busca essência financeira. Repulsa ideias brilhantes de interesse econômico. Aprendemos muito até que chega um momento que o dinheiro se situa como mero detalhe do ciclo. Tão importante como todos, tão insignificante como outros. Ferramenta poderosa se usado com equilíbrio, ferramenta perigosa se utilizada por egoísmo. Aprendemos muito mais do que viajar sem dinheiro, relembramos de viver bem independente dele. Pois quem sabe lidar com o nada, valoriza o tudo. Dinheiro é papel, nós que determinamos o valor, nós que escolhemos se será dependência e dor, ou se utilizaremos em prol do amor. Pois em terra de dinheiro: Ter tempo é sinônimo de vida. Ter papel é sinônimo de legalidade. Ter grade é sinônimo de segurança. Ter coisas é sinônimo de abundância. Ter pessoas é sinônimo de amor. Ter dinheiro é sinônimo de felicidade. E ter questionamento é sinônimo de loucura: Controlamos ou somos controlados? Ser consciente é tomar postura, em reorganizar os ideias e as ideias. Pois a Terra simplesmente existe com ou sem dinheiro. Conectemos com a Terra e nos sentiremos inteiros!

Fonte – Elaborado pelo autor, 2016

AS CONTRIBUIÇÕES DA VIAGEM PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL COMO TURISMÓLOGO

A universidade da vida proporcionou compreensões que transcendem as salas de aula. Além das colaborações da viagem para a formação pessoal, os resultados desta pesquisa são as diversas contribuições profissionais.

O idioma espanhol foi aprendido, o inglês e italiano foram praticados. Foram feitos contatos profissionais que podem se tornar parcerias de trabalho. Os locais foram estudados geograficamente, além das paisagens. A estudante passou pelos biomas Pantanal, Deserto, Amazônia e Cerrado. Transitou entre a riqueza ecológica da fauna e flora da Cordilheira dos Andes e a Floresta Amazônica. Sentiu alta amplitude térmica, de 5 °C (La Paz) à 40 °C (Puerto Maldonado). Na altitude, foi de 3.840 metros (Copacabana) a 150 metros (Rio Branco). Passou pelas águas do Lago do Titicaca, dos Rios Urubamba, Madre de Dios, Acre, Igarapé, Madeira, Coxipó, Garças, Araguaia, Vermelho. Nadou em águas termais em Santa Teresa e Aragarças. Conheceu uma cachoeira de 86 metros.

Sobre o termo *vivir bien*, compreendeu que é mais do que uma filosofia de vida: também é um modelo de política e de economia implantado pelo governo da Bolívia e Peru, o qual influencia as pessoas a serem menos egoístas e individualistas. Schavelzon (2015) explica que *vivir bien* não equivale a viver materialmente melhor, é mais do que o bem-estar da acumulação de bens e lucro. *Vivir bien* é saber: alimentar-se, beber, dançar, dormir, trabalhar, meditar, amar e ser amado, escutar, sonhar, expressar e caminhar.

A estudante aprendeu a viajar como pesquisadora, adquirindo uma visão antropológica. Trilhou caminhos incas e construções de pedra. Imergiu na cultura indígena, entendendo a relevância de resguardá-los. Os *Quéchuas*, *Aimarás* e os *Huni Kuin Kaxinawás* são povos originários, guardiões de sabedorias milenares: respeitam a terra, o alimento e os bens materiais, agradecendo sempre. Eles praticam o *vivir bien*, possuem uma noção diversa de tempo/espço e uma visão animista, chamada cosmovisão, a qual reconhece a divindade e a existência de alma em tudo e todos. Honram seus antepassados e a ancestralidade, encontrando a cura na natureza (através da música e de plantas).

A Bolívia e o Peru são considerados modelos de gestão sustentável, com foco nas realidades locais. Para o Ministerio de Comercio Exterior y Turismo (Perú,

2016, p. 91) “El Perú es reconocido, a nivel mundial, como destino turístico sostenible, competitivo, de calidad y seguro”. Segundo Aranibar (2017, p. 1) “Bolivia es uno de los países que implementa el ‘Turismo Comunitario’ como un nuevo modelo de gestión local, dónde se observa un mayor nivel de desarrollo socioeconómico e intercultural de las comunidades indígenas”.

Em ambos os países, existe um forte fluxo de turistas com diversos empreendimentos, os quais quase sempre exigem de seus funcionários a fluência em inglês. A profissão de guia de turismo é bem valorizada e requisitada. As cidades turísticas são cheias de restaurantes, centros de terapias com/sem plantas de poder, hotéis, *hostels* e campings alternativos. Atualmente as tipologias de turismo mais desenvolvidas são o ecoturismo, o turismo rural comunitário, o turismo místico e o turismo enteógeno.

Questiona-se sobre o acesso aos locais turísticos e aos complexos arqueológicos. A estudante esteve em pontos gratuitos como os museus de Santa Cruz, o Parque Ambiental Chico Mendes e o Parque Nacional da Chapada dos Guimarães. Em alguns lugares a visita só foi possível porque os moradores a levaram pela madrugada ou pagaram sua entrada, mas em muitos casos ela foi impedida. A cidade de Cusco, o centro histórico da cidade de Goiás, o forte de Samaipata e o Santuário Histórico de Machu Picchu são reconhecidos como patrimônios culturais da humanidade pela Unesco. Contudo, nesses locais os museus e os sítios são pagos. Compreende-se então que, de certo modo, o turismo é excludente e os patrimônios são para as classes favorecidas economicamente.

Panosso Netto e Gaeta (2010, p. 51) explicam que “o Peru vende Machu Picchu como destino de experiência, assim como a Bolívia faz com algumas comunidades do lago Titicaca”. Os autores defendem que o turismo de experiência precisa ser mais bem desenvolvido, sendo uma possível alavanca para o turismo brasileiro. Na realidade essa venda da experiência é um marketing para atrair os turistas que procuram uma vivência diferenciada, pois sempre existirão caminhos alternativos, como por exemplo, os inúmeros caminhos incas para chegar a Machu Picchu, além do comum e famoso trem.

Sérpico e Camurça (2006, p. 9) afirmam que “existe ainda o aumento pela procura do turismo enteógeno, pacotes de viagem para vários pontos da Floresta Amazônica, que coloca os interessados em contato com a ayahuasca através de diferentes tradições”. Realmente, no Acre existem pessoas do mundo inteiro atrás da *Ayahuasca* e da experiência em uma tribo indígena. Apesar de existirem poucas pessoas fluentes em inglês e não ser estruturado turisticamente como na Bolívia e no Peru, a hospitalidade dos moradores conquista os viajantes. Porém, é necessário cuidado a respeito dos pacotes relacionados às plantas de poder, pois as próprias comunidades defendem que as plantas e os chás não se vendem. Os pacotes devem então estar relacionados aos outros gastos envolvidos na viagem.

Várias possibilidades de empreendedorismo foram assimiladas ao deparar-se com tantos empreendimentos turísticos. Mas a realidade é que a estudante era esnobada, as agências de turismo não davam muitas informações e logo as relações eram cortadas. O Turismo Colaborativo foi o que mais contribuiu na viagem. Ferreira (2015) explica que as redes colaborativas como a plataforma CouchSurfing, entre outras tantas (Wwoff, Warmshowers e Worldpackers), são exemplos de economia compartilhada e do próprio Turismo Colaborativo, onde a confiança e a reputação são as moedas da nova economia.

Alimentar as plataformas de Turismo Colaborativo exigia dedicação na internet, algo que estava sendo evitado durante a viagem. Mas na prática esses compartilhamentos e conexões aconteciam naturalmente, mesmo sem um perfil virtual de reputação. A confiança não era necessariamente uma moeda, pois não era baseada em depoimentos da rede social, mas sim em sinceros olhares e simples gestos.

O turismo não precisa trabalhar com as ilusões, a ganância e a fraqueza do próximo. Como futura turismóloga, a aluna assume a responsabilidade de ser mantenedora da natureza, disseminando um turismo de modelo sustentável, consciente de seus impactos. Escolhe trabalhar um turismo de fortalecimento mútuo e amor ao próximo, que concretiza sonhos e marca almas. Um turismo de propósitos altruístas, a ponto de contribuir na construção de uma sociedade equilibrada, de espírito coletivo e relação respeitosa com as comunidades. Todos esses valores adquiridos na viagem acompanharão a profissional em seus futuros trabalhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo de relatar a viagem foi concluído e as problemáticas obtiveram suas respostas. A necessidade pessoal de provar ser possível viajar sem dinheiro próprio foi concretizada. Percebeu-se posteriormente, para além disso, que o foco da pesquisa era enfatizar a importância das relações humanas no turismo. Após 45 caronas e 33 abrigos de moradores locais, confirma-se a natureza sociocultural do turismo e da hospitalidade, e também comprova-se factível um turismo sem pagamento obrigatório. Existem inúmeras pessoas dispostas a receber bem um turista, por amor à humanidade, pois enxergam além da abordagem mercadológica do turismo e não encaram os turistas como cifrões ambulantes.

Autores como Trigo (2013) causam profundas reflexões quanto à imensidão do turismo. Beni (2001), Cunha (2010) e Moesch (2002) apoiam, teoricamente, o turismo para além da perspectiva econômica. Pelas teorias analisadas, percebe-se que o turismo é abrangente e multidisciplinar. O conceito unicamente econômico não possui credibilidade científica por não abarcar a totalidade de fatores sociais, culturais, psicológicos, geográficos, ambientais e políticos que o turismo mobiliza.

Portanto, conclui-se que, para uma igualdade de relevância das perspectivas do turismo, é imprescindível sua descentralização como atividade econômica. Porém, a economia continua sendo extremamente importante para o turismo, assim como o dinheiro. É preciso pensar, então, em um modelo de política mais humano. Como por exemplo, o *vivir bien*, cuja essência é o ser, não o ter. O foco não é o mercado e o Estado, e sim a sociedade e a natureza.

A nosso ver, o turismo de compartilhamento é um ramo promissor. Espera-se que este artigo impulse pesquisas a respeito desse tema, que possam promover políticas públicas. Almeja-se também que proporcione construções de projetos que trabalhem com o turismo inclusivo e a educação turística, pois o turismo necessita ser ensinado para as crianças e adultos, proporcionando conscientização dessa área.

O dinheiro não é problema e sim solução. Ele é uma ótima ferramenta quando bem utilizado: resta adotar um conceito equilibrado sobre seu uso, pois a motivação egoísta é a raiz dos problemas do materialismo e da ganância. É o apego pelo dinheiro que é prejudicial, e não o dinheiro em si. Dinheiro é energia. Em uma visão animista, coisas materiais possuem vida e valor. Porém, na era do

compartilhamento, o sistema financeiro transmuta-se, a abundância instaure-se e o dinheiro torna-se defasado. O acúmulo, o espírito competitivo, o medo e a preocupação demasiada passam a ser detalhes desnecessários. Supera-se o fácil desafio do dinheiro, pois essas crises são ilusões de conceitos humanos.

O desconhecimento causa cegueira para a fonte da abundância. Se ainda há luta para sobreviver, é benéfico rever os principais impedimentos para a vida próspera. Criar outras formas de câmbio (como o trabalho, a reputação, a confiança e a luz) é uma alternativa para o atual sistema, mas não é a solução para uma nova sociedade desarraigada de trocas forçadas. A aluna reconhece que transportou conhecimentos de sua terra e voltou com outros, mas não se considera como uma “mercadora da luz”, e sim uma canalizadora, doando-a e recebendo-a naturalmente. Pois ao contrário do dinheiro, acredita-se que não se troca luz em um mercado, luz se doa desinteressadamente e sem espera da reciprocidade.

Ao abrir-se para à imensidão do mundo, a estudante valorizou a pequenez, pois conhecer inúmeros locais e países é interessante, mas percorrer caminhos de qualidade é magnífico. Fazer amigos é um presente, mas reconhecer os verdadeiros é uma dádiva. Ao viajar para fora, a estudante expandiu a consciência. Ao viajar para dentro, apaziguou o coração. Ao apreciar o silêncio, descobriu uma nova forma de comunicação. Ao compreender sua solidão, preencheu-se. Ao ousar no desconhecido, familiarizou-se. Ao compartilhar, multiplicou. Ao aceitar o nada, a plenitude encontrou. Ao desapegar do dinheiro, desprogramou-se. Ao consagrar plantas de poder, reconectou-se à sua natureza e à sua divindade. Ao transcender o conceito da dualidade, renasceu na unidade.

A Figura 7 finaliza com uma mensagem obtida nessa viagem. Espera-se que este relato tenha estimulado reflexões, instigado as imaginações, incendiado os desejos e encorajado ações. Deseja-se que essa pesquisa seja como uma semente de força de vontade, sustentabilidade, espiritualidade, caridade, hospitalidade, liberdade, coletividade, felicidade, humanidade, ancestralidade, divindade, positividade, bondade, riqueza interior, ânimo, paciência, calma, confiança, otimismo, compartilhamento, autoconhecimento, esperança, paz, fé, transmutação, despertar de amor e gratidão.

Figura 7 – Crianças indígenas brincando na chuva



Fonte – Elaborado pelo autor, 2016

REFERÊNCIAS

- Araníbar, G. (2017). *Turismo de base comunitaria en Bolivia: nuevo modelo de gestión para el desarrollo socioeconómico e intercultural de las comunidades indígenas*. El Alto: Universidad Pública de El Alto.
- Barreto, I. F. (2013). O uso da folha de coca em comunidades tradicionais: perspectivas em saúde, sociedade e cultura. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, 20(2), 627-641. Recuperado de <https://bit.ly/2kE96af>
- Beni, M. (2001). *Análise estrutural do turismo*. São Paulo, SP: Senac.
- Borges, A. A. [Amanda Borges]. (2016, outubro 31). *Uma viagem de 70 dias sem dinheiro! DespertAMOR!* [vídeo]. Recuperado de <https://bit.ly/2kHRwSL>
- Campbell, A. (2015). *Portas abertas: três meses na Europa sem um centavo no bolso*. Rio de Janeiro, RJ: RR Donneley.
- Cisne, R. & Gastal, S. (2010). Turismo e sua história: discutindo periodizações. In: *Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul* (p. 1-12). Caxias do Sul, RS: Semintur: Recuperado de <https://bit.ly/2kN8cYU>
- Cruz, C. C. L. (2015). *O projeto Couchsurfing como um expoente na construção de uma sociedade civil global* (Monografia). Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR. Recuperado de <https://goo.gl/kxowF4>
- Cunha, L. (2010) "A Definição e o Âmbito do Turismo: um aprofundamento necessário", *Recil: Repositório Científico Lusófona*, pp. 01-23. Recuperado em <http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/665>
- Dalpiaz, R. C. C., Dagostini, A., Giacomini, D. M., & Giustina, M. G. S. D. (2010). A hospitalidade no turismo: o bem receber. *Serra Gaúcha*. Recuperado de <https://bit.ly/2KNRCKN>
- Ferreira, L. (2015, 01 de junho). Turismo colaborativo: viagens na era do compartilhamento. *Janelas Abertas*. Recuperado de <https://bit.ly/2kidL1a>
- Foucault, M. (2000). *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo, SP: Martins Fontes. Recuperado de <https://bit.ly/2kMul9C> (Trabalho original publicado em 1981)
- Gracia, L. (2011). *Coca y wachuma*. Lima: Universidad Mayor de San Marcos.
- Lima, E. C. & Labate, B. C. (2007). "Remédio da Ciência" e "Remédio da Alma": os usos da secreção do kambô (*Phyllomedusa bicolor*) nas cidades. *Campos: Revista de Antropologia*, 8(1), 71-90. Recuperado de <https://bit.ly/2mkzUN7>
- Meneses, R. D. B. (2012). *Da hospitalidade em Derrida ao acolhimento em saúde* (Tese de doutorado). Universidade Católica Portuguesa, Braga.
- Moesch, M. (2002). *A produção do saber turístico*. São Paulo, SP: Contexto.
- Pakman, E. T. (2014). Sobre as definições de turismo da OMT: uma contribuição à história do pensamento turístico. In *Anais do XI Seminário Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo* (p. 1-20). Fortaleza, CE: Universidade do Estado do Ceará. Recuperado de <https://bit.ly/2kD2tVG>
- Panosso Netto, A. & Gaeta, C. (2010). *Turismo de experiência*. São Paulo, SP: Editora Senac.
- Perú. Ministerio de Comercio Exterior y Turismo. (2016). *Pentur: Plan Estratégico Nacional del Turismo 2025*. Lima: Ministerio de Comercio Exterior y Turismo. Recuperado de <https://bit.ly/2wmECcq>
- Rieger, J. (2014). *Fé e viagens no mundo globalizado*. São Paulo, SP: Paulus.

Sánchez, R. (2006). *Apus de los cuatro suyos: construcción del mundo en los ciclos mitológicos de las deidades montaña*. Lima: Universidad Mayor de San Marco.

Santos, G. & Soares, G. (2015). Rapé e xamanismo: entre grupos indígenas no Médio Purus, Amazônia. *Amazônica: Revista de Antropologia*, 7(1), 10-27. Recuperado de <https://bit.ly/2mfQcqq>

Schavelzon, S. (2015). *Plurinacionalidad y vivir bien/ buen vivir*. Quito: Abya-Yala.

Sérpico, R. & Camurça, D. (2006). *Ayahuasca: revisão teórica e considerações sobre as espécies* (Monografia de conclusão de curso). Universidade Guarulhos, Guarulhos, SP. Recuperado de <https://bit.ly/2mlqRvp>

Shakti. (2014, 8 de agosto). A Cruz Andina ou cruz quadrada – a ponte entre os mundos. *Saberes Ancestrais do Sagrado Feminino*. Recuperado de <https://bit.ly/2kniDCn>

Shanon, B. (2003). Os conteúdos das visões da Ayahuasca. *Mana*, 9(2), 109-152.

Tolentino, Z. T. & Oliveira, L. P. S. (2015). Pachamama e o direito à vida: uma reflexão na perspectiva do novo constitucionalismo latino-americano. *Veredas do Direito*, 12(23), 313-335.

Tosqui, P. (2007). *Construção e ancoragem ontológica do vocabulário básico bilíngue do turismo para fins didáticos* (Tese de doutorado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, SP.

Trigo, L. (2013). *A viagem: caminho e experiência*. São Paulo: Aleph.

Recebido em: 21/01/2018

Aprovado em: 12/08/2019

CONTRIBUIÇÕES

Amanda Alves Borges: Revisão bibliográfica e fundamentação teórica, coleta de dados, análise de dados, elaboração de tabelas, gráficos e figuras, realização de cálculos e projeções, redação do manuscrito, adequação do manuscrito às normas da RTA.

Lorraine Gomes da Silva: Definição do problema de pesquisa e objetivos, desenvolvimento da proposição teórica, escolha dos procedimentos metodológicos, revisão crítica do manuscrito.

Christianne Viana Ferreira Paiva Gonzaga: Realização da revisão bibliográfica e fundamentação teórica, revisão crítica do manuscrito.

Rafael Lino Rosa: Realização da revisão bibliográfica e fundamentação teórica, revisão crítica do manuscrito.